PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO:
AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA

Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

EURICO JOSÉ DOS REIS CORREIA nasceu em Lagos, em 1945. Concluiu o Ensino Primário.

Profissionalmente, desempenhou diferentes profissões, nomeadamente, a de empregado comercial e a de funcionário do Centro Social Lucinda Anino dos Santos, na Casa de Santo Amaro, exercendo funções como chefe dos Serviços Gerais.

Foi eleito presidente da Junta de Freguesia de São Sebastião, de Lagos, nos mandatos de 1990-1993, de 1994-1997, e de 1998-2001. De 2002-2005, foi eleito 1.º vogal da mesma Junta de Freguesia.

Em 25 de Abril de 1974, Eurico José dos Reis Correia vivia em Lagos.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000012
Título: Entrevista a Eurico José dos Reis Correia
Data: 22/09/2023
Local: Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo de Lagos.
Tipo: Entrevista áudio formato M4A
Duração de gravação: 00:55:32
Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma
Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira
Transcrição: Mário Lino
Revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma
Texto revisto e validado pelo entrevistado a 18/04/2024.

LAGOS dos Descobrimentos Câmara Municipal

MUSEU DE LAGOS

***Patrícia de Jesus Palma (PJP)**: Senhor Eurico, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: o senhor Eurico vivia em Lagos na altura em que se dá a transição de regime?*

Eurico José dos Reis Correia (EJRC): Sim, vivia em Lagos nessa altura.

***PJP**: Que memórias é que guarda da cidade de então? Como é que era Lagos e como era viver em Lagos nessa altura?*

EJRC: Deixe-me dizer-lhe que eu estive em Angola, no Serviço Militar.

***PJP**: Esteve quanto tempo?*

EJRC: Dois anos e quatro meses, sensivelmente. Ainda no tempo do Salazar. Eu estava em Angola, precisamente em Nambuangongo, quando ele faleceu. Não, desculpe, já estava no Lobito. Eu fui para Angola, para Nambuangongo, para um aquartelamento no norte de Angola. E, no segundo ano, vim fazer no Lobito. E foi no Lobito que nós soubemos da morte do Salazar.

***PJP**: E isso teve algum efeito lá?*

EJRC: O único efeito que teve a morte do Salazar foi nós estarmos de prevenção, muito de prevenção. Porque andávamos à vontade, já. E, naquela altura que ele morre, nós tivemos que ficar de prevenção a qualquer movimento extramilitar da nossa parte. Porque, dizia o nosso Comandante que, com esta questão da morte do Salazar, podiam os angolanos, que lutavam pelo território deles, reagirem de uma maneira e atacassem o quartel ou atacassem-nos a nós. Foi o efeito que teve, mas, pronto, entretanto passou. E eu regressei, e…

***PJP**: Regressa em que ano?*

EJRC: Regresso em 69, no dia do terramoto que houve em janeiro, em 69 e que afectou Lagos. Precisamente nesse dia. De modo que fiz depois o meu caminho todo cá, salvo uns meses que estive em Lisboa, na tentativa de ir trabalhar lá, mas, acabei depois por regressar a Lagos. E, a partir daí, fiz sempre a minha vida toda cá.

***PJP**: E entre 69 até 74, como é que era a vida?*

EJRC: De 69 a 74 a minha vida era como a vida de todos os lacobrigenses, não é? Era o nosso trabalho, o nosso convívio dentro do possível.

***PJP**: Em que espaços é que conviviam?*

EJRC: Convivíamos muito nos cafés. No antigo Café Restauração, ali junto ao monumento na Praça de Camões, que agora é uma pizzaria. Convivíamos aí, com muito cuidado.

***PJP**: Sempre em alerta?*

EJRC: Deixe-me dizer-lhe que nós não éramos políticos, nem falávamos de política. Falávamos de futebol, falávamos das miúdas…

***PJP**: Mas, os ajuntamentos eram um problema…*

EJRC: Mas os ajuntamentos eram um problema. Lembro-me perfeitamente de uma noite, uma noite de Verão, que estávamos nesse mesmo largo a conversar, quatro ou cinco moços, e o Posto da Guarda era cá em cima, onde é ainda o velho, está fechado. À Torrinha, na Rua Convento do Senhor da Glória, onde se desce. E eles desciam a rua da Igreja de São Sebastião. E então, vinha a patrulha a descer. E eu recordo-me deste episódio, que nós estávamos ali e até comentámos que vinha aí a Guarda:

"– Vem aí a Guarda e se calhar o melhor é a gente dispersar…

– Não, isto é malta conhecida, e conhecemos os Guardas."

E era verdade… Mas eles não. Chegaram ao pé de nós e disseram:

"– O que é que vocês estão aqui a fazer, a esta hora?"

Aquilo era cerca de… O café ainda não tinha fechado, o café onde convivíamos, o Restauração, cerca da meia-noite, aquilo no Verão era até às tantas:

"– Ó Sr. Agente, Sr. Guarda, estamos conversando, e tal…

– Não, vão lá dispersando…"

Nós até rimos, na altura, porque houve um deles que até disse:

"– Nós não queremos aqui pessoas paradas, juntas, o melhor que têm a fazer é pôr-se a andar. Nós não queremos mais do que duas pessoas juntas, paradas ou a andar."

– Está bem."

Nós demos a volta pela rua, fomos juntar-nos na outra rua. Tudo o resto, a nossa convivência nos cafés, durante as horas que tínhamos disponíveis, era sempre com muito cuidado em relação a conversas eventualmente políticas, porque, no Café Restauração parava muita gente de Lagos, que nós sabíamos que eram informadores da PIDE-DGS. Então, nós tínhamos sempre muito cuidado, pese embora o facto de nós nunca termos

sido uma juventude política. Pelo menos, o grupo a que eu pertencia. Nunca nos preocupámos com a política, podíamos ter as nossas necessidades, que tínhamos, mas era o que se vivia.

***PJP**: E que necessidades é que sentiam?*

EJRC: Sentíamos necessidade de tudo. Eu já lhe digo as necessidades que nós sentíamos. A única coisa que nós tínhamos, que gostávamos, era que nós, apesar de sermos ainda jovens, de ter 22, 23 anos, nós tínhamos ido para Angola com 20 anos, de modo que quando regressámos tínhamos 23, 24. Começámos a tomar conta – entre aspas - ou a nos interessar pelos associativismos. Então, ficámos, na altura, fazíamos grupos de três ou quatro e pertencíamos à direção de um clube recreativo. Depois, outros três, quatro, pertenciam a outro clube recreativo. E, aí, fazíamos as nossas, os nossos passatempos, de bailes, de convívios, de jogar às cartas, enfim, aquilo que eventualmente se faz hoje numa aldeia de Trás-os-Montes.

***PJP**: Como forma de se juntarem…*

EJRC: Exatamente. Ah! E fazíamos também *matinés* e bailes particulares, com gira-discos. Convidávamos as miúdas, elas vinham, nós dançávamos e passávamos o fim-de-semana assim. Porque o resto da semana, pois, trabalhávamos, era chegar a casa… Tínhamos os tempos livres, era os convívios no café, trocas de impressões, falávamos de futebol, contávamos anedotas… Mas, as carências que nós tínhamos na altura eram as carências normais que hoje muita gente tem nos bairros – digamos, nos bairros sociais das grandes cidades. E que, antigamente, praticamente toda a gente tinha, porque não tínhamos dinheiro suficiente para comer, não tínhamos dinheiro suficiente para vestir, nem comprar aquilo que pretendíamos. Dinheiro de uma camisa Lacoste, que eu tenho hoje, que, por acaso, tenho umas 15 ou 16, naquela altura, nem o mais rico desta cidade compraria uma camisa Lacoste! Nós vivíamos dentro das nossas possibilidades. Para lhe dar um exemplo, vou-lhe dizer que a minha mãe trabalhava numa fábrica de conservas…

***PJP**: Lembra-se como se chamava a fábrica?*

EJRC: Algarve Exportador. Havia várias, ela trabalhava na Algarve Exportador, que é hoje junto à rotunda, ao fundo da avenida, onde estão agora a construir aquele edifício muito alto. O meu pai era sapateiro, de modo que está a ver… A minha mãe ganhava naquela altura, não sei se era dois tostões, três tostões, quatro tostões, eu já tive a tabela. Eu, quando estava na Junta de Freguesia, tinha a tabela dos preços, por dia. E o meu pai ganhava aquilo que trabalhava. Como trabalhava para ganhar, quando trabalhava… Um trabalho mais complicado era mais caro, um menos complicado era mais barato. Nós

éramos quatro irmãos e as possibilidades eram muito poucas. E, então, não vou dizer-lhe mais das necessidades que existiam naquela altura pela minha pessoa e muitos mais amigos comigo, porque havia outros que tinham menos necessidades, como é óbvio. Por exemplo, eu tinha rapaziada amiga que o pai era mestre numa traineira, ganhava bem. Tinha outro, que era o Anatólio, que era filho do professor Falé, professor de música, e a esposa era cabeleireira, portanto, também ganhavam bem. Outro amigo, que era o Neira, que o pai era mestre de uma fábrica de conservas, também ganhavam bem. Era tudo moços que, eventualmente, já tinham estudado no Liceu, ou tinham tirado cursos, ou estavam em Lisboa e depois vinham de férias… estavam na Universidade… Havia este género de rapaziada que tinha umas condições económicas mais favoráveis e outros mais desfavoráveis, mas, isso não fazia separação entre nós, porque nós éramos amigos daquilo que eu lhe disse anteriormente: futebol, bailaricos, conversávamos e, à noite, passeávamos pela cidade, pelas ruas. Era engraçado! Víamos alguma miúda à janela, cantávamos serenatas se fosse o caso…

***PJP**: Então e quando se dá o 25 de Abril, lembra-se de como é que lhe chegou essa notícia e que reação é que teve a isso?*

EJRC: Dá-se o 25 de Abril e, de facto, a cidade mexeu, como mexeu o país todo. Deu-se o 25 de Abril, toda a gente ficou satisfeita, toda a gente ficou contente.

***PJP**: Lembra-se do dia, dos dias seguintes?*

EJRC: No dia seguinte, aparece o Partido Comunista, que veio para a rua, com o M.D.P./C.D.E. Então, houve, de facto, uma grande festa no Largo da Baixa, no Largo da Estátua do D. Sebastião, que ainda não era Largo do D. Sebastião. Trouxeram um *camion*, montaram um palco, fizeram um comício. Foi a primeira vez que se ouviu o que era um comício! Viu-se, pela primeira vez, o que era um comício!

***PJP**: Portanto, há uma série de coisas que apareceram nessa altura?*

EJRC: Exatamente. Há uma série de coisas que aparecem, que depois nós vamos tomando conhecimento, que é o caso: um comício, uma sessão de esclarecimento. Portanto, aparece um comício e vários oradores, ligados ao Partido Comunista, pessoas de mais idade, pessoas já com outro conhecimento político e fizeram os seus discursos. Já no meio deles, na altura, disseram o que era e o que estavam e aí nós ficámos a saber onde estávamos. Porque, até aí, nós não sabíamos também onde é que estávamos. Sabíamos que não podíamos falar em política, sabíamos que estávamos numa ditadura, sabíamos essas coisas. E, então, aquilo foi o abrir de uma flor, que nós ficámos todos satisfeitos.

Ouvimos essas pessoas, falaram cinco ou seis pessoas, veio uma de Portimão até… e pronto! As coisas começaram a partir daí a desenvolverem-se de uma maneira: eh, pá! A malta com outra cara todos os dias, com um sorriso, com outra disposição! Falar à vontade…

***PJP**: E, nessa altura, o Sr. Eurico, que já participava de alguma forma nesse movimento associativo, recreativo, a partir de Abril de 74, lembra-se do movimento de organização de cidadãos, de se começarem a organizar em grupo, em novas associações, em fazer, no fundo, essa formação política que em grande parte não tinham?*

EJRC: A única coisa que nós fizemos, onde eu era diretor das coletividades, eram duas.

***PJP**: Quais eram os nomes delas?*

EJRC: Fui diretor do Clube Artístico Lacobrigense e do Clube Recreativo Metalúrgico. É interessante, e deixe-me voltar atrás para dizer isto. Isto estava, digamos que separado pelos estratos sociais. Nós tínhamos, em Lagos, o Clube dos Ricos - era o nome mesmo - o outro clube era o Grémio, onde só iam os senhores ricos, mesmo. Os senhores finos e as senhoras finas frequentavam, quer no Carnaval quer fora do Carnaval, que tinham os bailes de Carnaval, como ainda se faz hoje em muito lado. As senhoras finas iam para os Ricos, ou para o Grémio, mas, ninguém entrava lá, tinham de bater à porta. Era exclusivo. E depois nós tínhamos, o resto da população tinha o Marítimo Lacobrigense, o Sport Lisboa e Lagos, os Metalúrgicos e os Artistas. Isto também era por estratos sociais.

***PJP**: E por profissões?*

EJRC: E por profissões. O Marítimo – está o nome implícito – era gente do mar, gente das fábricas. O Metalúrgico também está o nome implícito. E os Artistas, também está o nome implícito. Mas, havia ali uma lacuna que era os empregados de escritório, os serviços, ou, por exemplo, as minhas profissões, empregado de balcão não tinha representação… Tínhamos de nos associar ou aos metalúrgicos, ou aos artistas. E era o que acontecia. Mas, os indivíduos do mar já não podiam ser sócios dos artistas. As raparigas da fábrica já não podiam ir aos bailes dos metalúrgicos nem aos artistas. Portanto, estava tudo dividido por classes sociais.

E nós, antes ainda do 25 de Abril, nós, moços mais novos, quando tomámos conta como diretores do Metalúrgico, tomámos conta dos órgãos sociais, acabámos com isso. Por causa de um amigo nosso, que era sócio do Metalúrgico e namorava com uma rapariga que trabalhava na fábrica das conservas. E, então, o nosso amigo trabalhava numa fábrica de mármore ou numa fábrica da cortiça e tinha acesso, mas, ela não podia. E nós,

foi por causa dele que uma noite, numa reunião, acabámos com esse artigo nos estatutos. Havia malta que podia acabar, malta que não podia acabar - não se pode, depois vêm aqui os gajos da PIDE e aquilo e aqueloutro - e nós borrifámo-nos para isso e acabámos com aquilo. E foi uma explosão, porque toda a gente começou a ir, quer para o Metalúrgico, quer para os Artistas. E nunca nos aconteceu nada. Nem nunca ninguém nos chamou a atenção de nada. Nunca, nunca, nunca! Então, fizemos essa abertura, nós, mais novos, porque, até ali, aquilo era de cidadãos mais velhos que estavam ainda agarrados à situação do estatuto socioeconómico. É assim, é assim, é assim, não entra aqui ninguém que não… E nós rasgámos essas bandeiras e acabou por toda a gente, quem quisesse ser sócio, que fosse.

Bom, acabei por voltar atrás, mas, agora vou passar um pouquinho à frente por causa das movimentações. A partir daí, minha cara, começámos nós todos a falar de tudo, em todo o sítio. Quer nos cafés, quer na rua, quer nos largos, que era onde nos juntávamos, falávamos de tudo aquilo que nos vinha à cabeça. Ou discutíamos futebol, ou discutíamos política, sem saber de nada… Mas, sabíamos perfeitamente que isto não estava bem. Se nós não podíamos falar, se ganhávamos o que ganhávamos, se os nossos pais andavam arrastados, vivíamos como vivíamos. Sabíamos perfeitamente que isto não estava bem.

***PJP**: E sentiram, depois, que tinham de alguma forma a capacidade de transformar nas vossas mãos?*

EJRC: Bem, a transformação era em função daquilo que nós pensávamos, ou daquilo que outros pensassem que viesse ao encontro das nossas necessidades e, então, escolhíamos se apoiávamos ou se não apoiávamos. Exatamente. E, depois, também fomos ficando muito mais esclarecidos sobre a matéria. Honras ao Partido Comunista que fez esse papel, que continuou após 25 de Abril esse trabalho, não parou naquele comício que fez, naquela sessão de esclarecimento, que fez muitas sessões de esclarecimento nesta cidade.

***PJP**: E no concelho?*

EJRC: E no concelho. Eu fui a várias. Na altura, até:

"– Então, és comunista?

– Não, não é uma questão de ser comunista, quero saber como é que isto é."

E fui a várias. Não estou arrependido de ter ido, fui eu e outros. Fomo-nos esclarecendo, fomo-nos informando e foi o 25 de Abril entrando dentro de nós, até… até hoje. Até termos conhecimento à data, efetivamente, do que era a política, do que isto representava. Porque, na altura, nós não sabíamos rigorosamente nada.

***PJP**: Então e quando se dão as primeiras eleições, lembra-se da participação nas primeiras eleições?*

EJRC: Antes das eleições, deixe-me dizer-lhe que depois sou nomeado *ad hoc* para ir para a Câmara Municipal fazer a inscrição dos eleitores.

***PJP**: Porque há um novo recenseamento?*

EJRC: Há um novo recenseamento e eu e mais algumas pessoas vamos fazer os cartões de eleitor. É engraçado que, quando vim para a Junta de Freguesia, participei sempre em todas as mesas de voto, estive em todas as eleições até ser presidente, estive sempre em todas as mesas, em presidente da Mesa. E apareciam-me cartões feitos por mim. Era engraçado. Até aqui na Junta de Freguesia apareciam cartões, quando vinham tratar de documentos ou substituir, apareciam cartões feitos por mim e eu achava piada. Portanto, fiz, de facto, esse papel que foi um papel muito importante na altura – eram filas e filas de pessoas pela escada da Câmara, por aí acima, e, no Largo, para fazerem o Cartão de Eleitor. Toda a gente queria um Cartão de Eleitor e queria ser primeiro e queria ser um dos primeiros a se recensear. Estava tudo com sede de contribuir, de participar na democracia, que ainda não era democracia, era o início. Estava no início, é como os bebés, à primeira ecografia! Enfim, fiz o recenseamento e depois fiz essas primeiras eleições livres para a Presidência da República e as primeiras eleições livres para o Poder Autárquico. Como o meu nome já andava na baila, eu era mobilizado para as mesas de voto. E, então, as primeiras eleições livres, autárquicas, recordo-me que eu estava na mesa 4.

***PJP**: E onde é que foram?*

EJRC: Foram onde é hoje a Escola de Música, ao pé da Rodoviária. Estavam ao mesmo tempo a rodar o filme "*Os Índios da Meia-Praia*" e aparece, por acaso, aparece no filme, a mesa 4, porque as pessoas da Meia-Praia vieram quase todas votar à mesa 4. E eles tinham que filmar essas pessoas. E então, aquilo foi uma confusão tão grande, tão grande, tão grande! Quer de pessoas a votar, que éramos nós, na mesa, que também não tínhamos experiência nenhuma. Era tudo novo! Saímos não sei a que horas da noite das mesas de voto. Aquilo tinha que estar tudo certinho. O escrutinador, eu é que era o escrutinador…

"– O Presidente não se mete no trabalho do escrutinador! O secretário não tem nada que se meter na contagem dos votos, só ouve e só toma nota!"

Aquilo, nem nós sabíamos!… Enfim, saímos já era quase meia-noite das mesas de voto, que aquilo tinha que estar tudo certinho. Mas, foi uma grande mobilização! Ninguém

ficou em casa. Acho que ninguém ficou em casa! E, então, deu-se essa eleição, depois dá-se a eleição… primeiro, a eleição do Presidente da República. Acaba por ganhar o General Ramalho Eanes. Também foi outra mobilização muito grande. E discutia-se tudo na rua, nos cafés: o Eanes não, o Eanes sim. O outro que não, o outro que sim. Eu vou votar no Eanes! Toda a gente falava como queria e lhe apetecia. Estava tudo à vontade. A seguir, é o passo-a-passo da vida política de cada um e de todos. Os partidos começam-se a formar…

***PJP**: Lembra-se da criação?*

EJRC: Lembro-me da vinda, da chegada do Mário Soares. Aquilo em Lisboa andava tudo em polvorosa. Lembro-me perfeitamente do grande comício contrapoder na Praça do Comércio, o General que esteve em presidente da República de passagem, antes das eleições. Era militar, não me recordo o nome, antes das eleições, como é óbvio. E recordo-me perfeitamente que aquela manifestação era uma manifestação contra outra manifestação que estava a acontecer em Almada com o Partido Comunista Português e as forças de esquerda, M.R.P.P. e não sei que mais. O M.R.P.P. sempre foi indefinido, não se sabia se era de Esquerda ou de Direita, não sei o que era. Mas, com outro militar, queriam tomar conta disto. Teve de entrar o general Spínola… Como é que se chamava o militar, afeto ao Partido Comunista? Já me recordo.

***PJP**: Como é que essas notícias lhe chegavam aqui? Eram os jornais, era a rádio?*

EJRC: Chegavam através dos jornais, da rádio e da televisão, que havia já a RTP, a única… Vasco Gonçalves! Vasco Gonçalves era o militar do comício de Almada pró-comunismo. E, em Lisboa, já lá chegamos, se não chegarmos também não perco muito. E pronto, tudo isso passou, tudo isso serenou. Isso foi antes da vitória do Ramalho Eanes, porque depois da vitória do Ramalho Eanes as coisas serenaram. Porque, dessa data, teve de vir da Amadora o general Jaime Neves, com as forças também para Lisboa, porque aquilo esteve muito tremido para voltar tudo, para um lado só. E, então, pronto, as coisas serenaram com a eleição do Ramalho Eanes, depois, deram-se as eleições autárquicas.

***PJP**: E já se sentia envolvido politicamente nessa altura?*

EJRC: Eu já discutia muito política, mas ainda não estava em nenhum partido político, nem tinha intenção, à data, de estar. Queria participar em tudo o que eram essas coisas, mas não me estejam a catalogar de A, B, ou C, porque eu sou independente. E, então, pronto, o Partido Socialista ganha as eleições em Lagos, como ganhou em todo o país praticamente. Eu próprio votei Partido Socialista, porque entre a figura do Mário Soares e a figura de Álvaro Cunhal, na altura, disse mais à população o Mário Soares do que o

Álvaro Cunhal e o Partido Socialista ganhou as eleições, ganhou as eleições. Quando aparece o Sá Carneiro, aliás, acho que já tinha aparecido, nós é que ainda não estávamos bem visualizados do que ele representava. A partir daí, começo-me a interessar um pouco mais pela política, como qualquer cidadão que se começou a interessar um pouco mais pela política, ouvir notícias de política e poder dizer que este não, aquele sim, este diz isto de uma maneira, mas isto não é assim, este diz que faz e depois não faz, essas conversas… E nos encontros que nós tínhamos todos.

***PJP**: Depois, a determinada altura, sente-se mobilizado para uma participação mais ativa?*

EJRC: Bom, já passei pelo meu casamento, já passei pelo nascimento do meu filho…

***PJP**: Já tem outras condições.*

EJRC: O nascimento do meu filho dá-se a seguir ao 25 de Abril, em que rebentam bombas por todo o lado e a minha mulher estava grávida. Eu andava numa correria de um lado para o outro, com medo que, eventualmente, acontecesse alguma coisa. A loja onde eu trabalhava é atacada com uma bomba, com uma granada, parte os vidros todos. É onde é hoje a loja Tezenis. É onde é que eu estava. Alguém – nós dizíamos na altura que era a LUAR –, a LUAR era a culpada de tudo. A LUAR, o M.R.P.P., etc. Porque decretaram em Lagos, na altura, que as lojas deviam apagar as luzes das montras às dez horas da noite. Aquilo era no Verão, nós tínhamos o relógio para desligar à meia-noite. Nós esquecemo-nos de desligar e eles viram as luzes ligadas e atacaram. Depois, entretanto, três ou quatro dias depois, atacaram o quiosque que é hoje em frente à Pastelaria Taquelim, aquele quiosque, também rebentaram com o quiosque, que era de um comunista. E estes, eu tinha o meu patrão, que era afeto ao P.P.D./P.S.D., que era do Sá Carneiro, e essa era a vida… Depois, fui-me entregando também a esta situação. Até que, um dia, o senhor que acabou de sair daqui [*alusão ao entrevistado José Valentim Rosado*] resolve-se candidatar pelo P.S.D., já não é P.P.D., deixou de ser P.P.D. passou a ser só P.S.D., na altura do Cavaco Silva, salvo erro. E ele veio-me convidar para eu entrar nas listas. E dá-me a escolher se eu queria ir para a lista da Câmara em terceiro lugar ou quarto, ou se queria ir para a lista da Freguesia em primeiro lugar. Eu disse que queria ir para a Freguesia, porque eu ainda não estava tão politizado assim para ir para a Câmara Municipal. Ele já estava, porque ele já andava metido nessas coisas há muito tempo. E acabámos por ganhar as eleições, com maioria absoluta.

***PJP**: E quando aceitou o convite, qual foi a sua principal motivação para isso? O que é que sentia que podia trazer à freguesia?*

EJRC: Participar. Participar e ajudar os cidadãos nas necessidades que eles tinham, que eram imensas. Muitas, muitas, muitas!

***PJP**: Como recorda esse período em que foi presidente da Junta de Freguesia de São Sebastião?*

EJRC: Olhe, foi o período mais feliz que eu tive. Aquilo que eu fiz nesta Junta de Freguesia encheu-me de alegria!

***PJP**: Entre que datas?*

EJRC: Desde 1989, estive 12 anos à frente da Junta e, depois, estive mais quatro como vogal. Olhe, para lhe dizer: as escolas não tinham telefones. Eu meti telefones em todas as escolas. As escolas precisavam de telefonar, por qualquer motivo, um miúdo que adoecesse ou que caísse, para telefonar para uma ambulância, o hospital, os bombeiros, tinham de ir à procura de um telefone numa taberna! Não havia telefones públicos! Nas povoações, por exemplo de Chinicato, Portelas, Sargaçal, que faziam parte de São Sebastião, não tinham um telefone público! Está-me a ver os olhos húmidos, não está? Eu estou-me sentindo muito bem! Estou sentindo o bem que eu fiz às pessoas. Eu pus telefones nas escolas e era eu que pagava.

***PJP**: Pessoalmente?*

EJRC: Não, pela Junta. Era eu que pagava. Ah! Fiz Polidesportivos. Todas as Juntas de Freguesia têm Polidesportivos. Desde o Bairro Operário, Portelas, Chinicato, Sargaçal. Algumas já estão desativadas. Se calhar, Meia-Praia. Meia-Praia está desativada. E as outras penso que também já estão desativadas. Mas continuam lá, continuam lá. Eu ia ter reuniões mensais a todas as povoações para ouvir a população dizer qual eram as carências. Alcatroamento de ruas. Telhados que choviam. Eu pagava ao pedreiro e dava telhas para eles fazerem os telhados. A Meia-Praia, os bairros. Eu dava material às pessoas, tijolos, cimento, telhas, para fazerem as obras que necessitavam. Para arranjarem mais um quarto para outro filho, ou isto ou aquilo, para caberem três ou quatro crianças no mesmo sítio. Eu criei. Tudo isso eram necessidades que as pessoas tinham.

***PJP**: Muito elementares?*

EJRC: Muito elementares, pese embora o facto de já se terem passado muitos anos sobre o 25 de Abril, continuavam, porque as pessoas que estavam nos sítios não tinham essa sensibilidade. Ou não tinham poder económico na Junta de Freguesia para fazer, ou não tinham essa sensibilidade. Eu criei – e ainda deve estar por aí – listagens de pacotes de alimentos para as pessoas, porque havia essa carência alimentar. Tal como há hoje, na

Câmara Municipal, como deve ter conhecimento, não sei quem é que está à frente disso agora, na altura estava a Dra. Isabel, agora não sei se a Dra. Isabel lá está ou não, na Câmara. Sei que quem faz parte da área é a vereadora Sara, salvo erro. Cabazes para as pessoas irem ao Supermercado. Fiz um contrato com o Supermercado São Roque, que era a seguir à loja Tezenis, outra casa que entrou, que já não é Supermercado São Roque. Foi um supermercado que apareceu a fazer a divisão entre as mercearias que havia e os supermercados grandes que apareceram. Era um supermercado intermédio. E as pessoas iam lá com a lista, que era elaborada aqui – um pacote de massa, um pacote de arroz, uma garrafa de azeite, isto e aquilo, um quilo de batatas, um bacalhau – e eu dizia ao Jorge:

"– Jorge, tu avias isso tudo e depois no final do mês apresentas à Junta de Freguesia, que a Junta de Freguesia paga."

***PJP**: Tem ideia de quantas famílias foram abrangidas por essa medida?*

EJRC: Na altura, abrangíamos aí à volta de 15 a 20 pessoas. E criei os cabazes de Natal. E depois tirava da lista aquelas pessoas e a funcionária – ou a Célia, ou a Guida, ou a Andreia, ou outra funcionária qualquer – entrava em contacto para virem pelo Natal buscarem um cabaz de Natal. E foram tudo coisas que se começaram a fazer que foram ao encontro das necessidades das pessoas. Depois de ser eleito, eu encarei a situação de presidente da Junta como uma participação ativíssima. Era para fazer! Foi para fazer. E ainda hoje as pessoas passam por mim e reconhecem essa ação que eu tive, empenhada. E ainda hoje, politicamente, em todos os Partidos gostariam que eu estivesse lá. Porque, todos eles, sentem esse reconhecimento que eu fui à data, um grande (passo aqui agora a minha frase) fui um grande presidente de Junta de Freguesia, por isso mesmo. Eu acho que o desempenho que eu tive foi pela necessidade que eu também tive.

***PJP**: Para que outros não tivessem?*

EJRC: Exatamente. Eu não queria, de maneira nenhuma, que as pessoas tivessem a vida que eu tive. E então…

***PJP**: Foi esse o seu empenho?*

EJRC: Foi esse o meu empenho e a minha participação no 25 de Abril. E até hoje continuo. Tenho pena que as coisas estejam como estão, neste momento. Não é na Junta, é no País. Porque isto está muito mau. Nós já não sabemos em que é que havemos de confiar. Porque as pessoas agora estão muito necessitadas, porque esta questão da guerra… eu não falo por mim, que eu felizmente não necessito. Porque esta questão da guerra é desculpa para tudo e mais alguma coisa. É verdade que ela não é nossa amiga,

mas não pode ser desculpa para tudo. Mas os senhores políticos é que sabem. Os senhores políticos é que sabem. E pronto, eles têm de resolver e eu confio, de facto, na democracia e na participação de todos nós. Confio e confio muito mais do que confiava quando tinha 18 ou 19 ou 20 ou 21 ou 22 ou 23 anos. Ou 24. E espero bem que, de facto, olhem para isto, não é? Quem, não sei. Quando, também não, mas, pronto.

PJP: Sr. Eurico, chegámos ao final da nossa conversa. Muito obrigada pela disponibilidade em partilhar a sua história e todas estas memórias, as suas e as da cidade, indo tão lá atrás, aos anos 60 até aos dias de hoje.

EJRC: Eu espero ter servido para alguma coisa, ter colaborado dentro do possível.

PJP: Muito obrigada.

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Eurico José dos Reis Correia*. 2023/09/22. 13 p. Acessível, com ref.ª PT/ML/AML/C/3/35/000012, em https://abrir.link/ljNtE.